

# Nota de abertura

*Em Psicologia, tudo leva a crer que a era dos Sistemas está em fase de acabamento. Em Psicologia da Criança e do Desenvolvimento, isso é provavelmente mais nítido do que em qualquer outra área.*

*De certo modo, a situação actual assemelhou-se àquela que se encontrava por altura das primeiras observações directas: acumulação de factos e descrições minuciosas; uma diferença, contudo: a observação de sujeitos considerados médios permitia a economia das questões relativas aos processos de observação; hoje, parece que muito acaba por se centrar nas formas de observar — as respostas emitidas pelas crianças variando fortemente consoante a situação utilizada e a forma como a própria criança constrói e interpreta o quadro em que está a ser observada e a relação com o adulto que a observa. (Cf. M. Donaldson: Children's Minds, por ex.).*

*Por outro lado, nota-se uma falha nas concepções de fundo ou nas Teorias explicativas e unificadoras. Vigotsky, Wallon, Piaget aparecem como referências inevitáveis, omnipresentes — mas a tendência actual é mais para a elaboração de teorias parcelares do que para a simples elucidação e aprofundamento dos sistemas interpretativos por eles construídos. Esta tendência, de resto, é mais nítida em relação aos trabalhos de Piaget. Teoria exhaustiva dos processos cognitivos, talvez a mais equilibrada e a mais aberta à reorganização, ela apoia-se em «factos» que, de certo modo, podem ser entendidos como construções da própria teoria no campo da observação empírica. E, com efeito, outros «factos» têm vindo a ser evidenciados que, se não contestam o construtivismo genético no seu todo, pelo menos nele introduzem dificuldades e desequilíbrios.*

*Exemplo disso é a permanência do objecto, que se manifesta anteriormente às fases desenvolvimentais indicadas por Piaget, levantando-se portanto problemas quanto ao seu estatuto, com o grupo de deslocamentos e a emergência da função semiótica, como expressão do acabamento do período sensório-motor e abertura a novas etapas desenvolvimentais. Da mesma maneira, e ainda a título de exemplo, pode referir-se a elaboração das con-*

*servações, cuja interpretação se torna dificultada pelo facto de elas se manifestarem antes dos períodos previstos na teoria, se as situações de observação o propiciarem e se a comunicação entre adulto e criança a isso for adequada. Igualmente, ainda, como entender a passagem do egocentrismo à socialização, cruzada com as ideias piagetianas relativas ao papel secundário da linguagem no desenvolvimento, à luz das observações mais actuais que parecem evidenciar fortes competências comunicacionais no bebé humano, que, além disso, também manifesta diversamente os seus processos cognitivos consoante o tipo de comunicação/interacção que desenvolve?*

*Poder-se-ia multiplicar os exemplos que contestam pelo menos parte das ideias recebidas, mas o resultado seria sempre o mesmo: Teorias Sistemáticas que pareciam definitivas, e apenas susceptíveis de completamento mais do que de revisão, são pelo menos parcialmente postas em causa por novas observações e novas maneiras de observar, e, por isso mesmo, novos «factos».*

*Todavia, como já se referiu e vale a pena sublinhar, esses novos factos não dão origem, por enquanto, a novas Teorias de conjunto e ainda menos a novos sistemas interpretativos em que as componentes sensório-motora, intelectual e afectiva sejam (enfim!) harmoniosamente integradas. Produzem antes esquemas de análise e compreensão aplicáveis a terrenos e problemáticas específicas e delimitadas. O que pode produzir uma impressão de relativa aridez, quando não de aparente irrelevância, mas expressa provavelmente uma nova e porventura mais saudável atitude por parte dos investigadores que se ocupam de processos desenvolvimentais.*

*Tal atitude é de resto, ainda, duplamente interessante: interessante porque aberta a uma permanente questionação, e interessante precisamente pela sua não-sistematicidade — o que não é a menor das suas virtudes, numa época em que, doutros horizontes, e com abusivas simplificações, se erguem novos Sistemas com pretensões a tudo explicar e a tudo compreender, no homem, como na criança, a partir do macaco, do ganso, do esgana-gata, e nas versões mais envernizadamente modernistas, da formiga.*

*Em Psicologia da Criança e do Desenvolvimento, a finura dos instrumentos de observação associada à reflexão apurada sobre o impacto de tais instrumentos sobre a realidade observada e a uma auto-limitação proibitiva de generalizações, interdizem o recurso a generalidades, ou seja, vedam o acesso àquilo que sempre foi e continua a ser a fonte máxima de simplificações, reducionismos e (portanto) sistematismos prematuros.*

*Este número de Análise Psicológica procura ilustrar este tipo de visão sobre a Criança e o Desenvolvimento — e melhor o ilustraria se a totalidade dos trabalhos propostos tivesse podido ser publicado.*

*Resta-nos agradecer ao Prof. N. Freeman, da Universidade de Bristol, a ajuda preciosa para a recolha e selecção dos artigos agora apresentados; sem a sua colaboração activa, este número de Análise Psicológica, com a sua configuração actual, não poderia ter sido produzido.*

FREDERICO PEREIRA